



Todos os nomes

Anônimos, de Silviano Santiago

Eduardo Rosal*

Reconhecido e respeitado crítico literário, mordido pelo bicho da criação, Silviano Santiago se embrenha em múltiplas possibilidades literárias. Nada nele é preestabelecido. Seu caminhar não traça retas, sua obra é curva, rio multirramificado, veredas da condição humana.

Esse espírito irrequieto e engenhoso assume seus perigos em *Anônimos* (2010), livro de contos em que explora a poesia do homem comum em seu cotidiano. Não há nessa geografia escritural uma arquitetura gratuita. Tudo é motivo e recorrência. O leitor, incitado a suspeitar, caminha apalpando as sendas da cultura. Se os personagens são anônimos, as ruas por onde andam são todas nomeadas. O personagem de “Frescobol”, por exemplo, vira carteiro e profundo conhecedor dos logradouros cariocas.

Há em *Anônimos* particularidades que o distinguem de livros anteriores de Silviano. O próprio autor afirmou algumas vezes que cada obra sua é diferente das demais. E, mais que uma reunião de narrativas curtas, *Anônimos* forma um todo homogêneo e coerente.

* Mestrando em Teoria Literária na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

O traço que une as diferentes peças é a capacidade de Silviano de enxergar (por imaginação e constatação), na vida do outro, as complexidades da existência. O leitor desconfiado começa a perceber isso já nas epígrafes. A primeira, “Digo eu sabendo que não se trata de mim” (Samuel Beckett), antecipa a condição de quem observa de fora. Mas basta ler a segunda epígrafe (de Vladimir Nabokov) para perceber que, ironicamente, há nessa alteridade uma confluência entre os personagens anônimos: indivíduos de vida singela entre os quais a linha de fronteira é rompida pela sensibilidade inteligente do autor.

No primeiro conto, “Calendário”, o personagem começa demonstrando “sede de vida”, ainda que em realidade esteja sendo derrubado pelos sucessivos obstáculos. A vida é o sisifismo de um jogo tal qual ioiô ou bumerangue australiano; é um “moto-contínuo”. Lê-se: “Em resposta ao impulso inicial, ela sobe, rebobinando”. Da mesma maneira se pode enxergar a estrutura do livro, mediante a qual os contos se retomam mutuamente.

O calendário é metáfora de uma forma de vida. Na verdade, todos os contos funcionam assim: são metáforas que já se apresentam nos substantivos dos títulos. Metáfora e memória são meios para reaprender a viver: “Tinha desaprendido de viver e era preciso reaprender”.

Proliferação metafórica e multiperspectivismo enriquecem as tramas. O calendário reforça a ideia de que a vida é uma luta em que, dia após dia, as mesmas (e novas) coisas acontecem. É como se inventar o calendário fosse criar uma nova vida, diariamente. Talvez isso passe por clichê, mas é justamente nesse ponto que está o salto criativo de *Anônimos*, por estranho ou contraditório que pareça.

Ao longo do livro há uma profusão de ditos corriqueiros, frases feitas, jargões e provérbios, verbalizados pelo personagem ou pelo narrador. E não poderia ser diferente: Silviano deu aos contos a forma das vidas anônimas enfocadas. Da mesma forma que as entrelinhas trazem refinados diálogos com outros autores, o livro é tecido com a sabedoria popular, que ecoa livremente.

Contudo, está sempre presente a coexistência de contrários. “Meus olhos se sustentam na corda bamba”. Eis a tessitura tensional que vai “conciliando formas complementares de gozo”. Portanto, se o leitor depara com expressões coloquiais, ao mesmo tempo esbarra em torsões que as vivificam. Dessa maneira, o livro oferece possibilidades paradoxais e trabalhadas de conhecimento do mundo.

Isso se dá por mérito de uma escritura consciente. O protagonista de “Calendário”, por exemplo, desconfia de uma tradução do tcheco e a refaz a seu modo, deixando explícita a metáfora do calendário, à qual se junta a da maratona. “Há outras possibilidades de tradução. Deixo-as em aberto”. O personagem usa ditos do senso comum, mas desenvolve uma leitura apurada e particular do mundo; compreende as línguas inglesa e tcheca, ainda que (ou por isso mesmo) faça a tradução do seu jeito. Como se inventar fosse banal, concebe o “Calendário das ocasiões pessoais”. O leitor pode se perguntar: há um calendário de ocasiões impessoais?

Silviano é hábil na releitura, na intertextualização, tanto de forma explícita – por exemplo, ao mencionar Manuel Bandeira e Sísifo –, quanto (sobretudo) de forma implícita, pois não apenas cita, mas se apropria do texto alheio, dá-lhe a volta e cria dialogicamente, completamente desprovido de “memória domesticada”.

Silviano age feito um iluminador que direciona o foco para as imagens, a pluralidade de significados, a fim de mostrar que é necessário estar atento aos meandros do texto, tanto quanto àquelas vidas anônimas. Isso porque as metáforas se sobrepõem, mas não se anulam. É preciso estar pronto para retomá-las e compará-las, ironia que se perfaz pelo não-dito.

As palavras são atuantes e, por isso, só devem ser ditas por necessidade. Isso é o que o leitor pode perceber no conto “Multa”. O protagonista diz a outra personagem coisas de que depois se arrepende. E, com a boca suja, afirma: “Por isso é que a lavo hoje com a tinta detergente da caneta”. Eis uma demonstração da sutileza com que Silviano constrói.

Ironia, erotismo, urdidura existencial, senso comum, erudição e harmonização de contrários são exemplos do que o leitor pode encontrar em todos os contos, em prova cabal da complexidade do ser humano e das relações interpessoais. Assim, por mais que os personagens não se arvoreem em importantes, são dotados de profundidade.

Em “Modesto”, as relações se dão por meio de jogos: “na cama, as jogadas”. Há coisas que o personagem sabe, mas não diz. Mas quem garante que um leitor atento não é capaz de captar? Afinal, “confiar desconfiando” une o ato solitário da leitura ao ato não menos solitário da escritura. “Em acerto de contas como este, solitário, consciente e silencioso, não é legal mentir diante do espelho”. O personagem questiona seu amor por Rosa, porque é ela quem cuida com carinho dele, após uma bala perdida tê-lo deixado paraplégico. Em geral, ninguém sente ou pensa na existência desse ser anônimo, até que Silviano compartilha essa possibilidade com o leitor.

Talvez isso diga algo: em *Anônimos* os personagens não bebem uísque com gelo de água de coco, nem pró-seco ou vinho caro em taça certa, e sim “Velho Barreiro, Ypioca e Cinzano”, como no conto “O anjo”.

Já “Dezesseis anos”, cuja epígrafe evidencia a presença de Guimarães Rosa (“A vida é nunca e onde”), apresenta o ponto de vista de um adolescente em meio a uma realidade que faz pesar sobre ele a tensa relação familiar. O jovem protagonista narra, mas em vários momentos o leitor percebe que há um distanciamento crítico em relação ao vivido.

Essa história tira força da ironia de o narrador se perguntar sobre a possibilidade de conciliar, mesmo sabendo que “não havia maneira”. Eis a tentativa de conciliação heraclitiana, em que não se chega a resultado nem clareza: “não sei responder”. Não há dialética hegeliana, porque não há síntese: “não havia necessidade de cola”. Os personagens não têm nomes nem respostas, pois a “vida é nunca e onde”. “Nunca”: impossibilidade. “Onde”: certeza da existência em algum lugar. Essa é a utopia (o não-lugar) do “menino da goiabada”, apelido (não nome) do personagem. Não à toa entra em cena o jogo de pingue-pongue, como se uma raquete fosse “nunca” e a outra, “onde”.

É jogando que o menino se lança à liberdade, descobre seu próprio caminho: “Andava a pé por onde tinha calçada e por onde não tinha”. Segue perguntando, “perguntas apenas”, sem conclusão. Segue negociando com a própria existência, isto é, diria Guimarães, realiza sua travessia, até que foge de casa.

O conto seguinte é “Chester”, cuja epígrafe, de Alberto Caeiro (“E a sua mãe não tinha amado antes de o ter”), lida com cuidado pode remeter ao conto “Modesto”. Nos dois contos o amor

só nasce após um acontecimento, ou talvez o próprio amor seja o acontecer. O personagem é um bebê de proveta que passa o tempo questionando sua existência por ter sido gerado “sem amor”. Num certo momento, pergunta: “Sabe que eu existo?”. Essa é a grande questão de *Anônimos*, como se o autor a fizesse ao leitor.

“Separação” traz à tona a vida simples de um garçom aposentado que vive espreitando a vida dos vizinhos. É esse espionar que dá forma ao conto. Como um caleidoscópio, a narrativa vai se abrindo, os assuntos variam, a percepção do personagem muda, a linguagem se transforma. Ao fim, como metonímia de todo o livro, os retalhos dialogam numa tessitura que incita a inteligência alheia.

Mais uma vez, em “Separação” o leitor pode encontrar Guimarães, aquele a quem a voz narrativa chama de “meu velho pai”, após citar sem aspás (ou seja, se apropriar): “O capinar é sozinho”. Ironicamente, logo após a referência ao sofisticado autor mineiro, lê-se: “Descanso a velhice lendo as revistas em cê: *Caras, Carinho, Contigo*. São o purgatório do aposentado, antes, durante e depois da programação diária oferecida pelo canal Globo”.

Isso comprova que o leitor deve sempre estar atento, desconfiando de tudo, quando tem em mãos *Anônimos*, no qual se destacam construções como “o traje é um ultraje ao bom gosto”. Eis um exemplo da sutileza com que Silviano trata a vida, a língua e a linguagem. O que nos separa do outro é o que paradoxalmente nos convida a ele. Para isso existe a imaginação. Para a imaginação, existe o ficcionista.

Diz o personagem: “Tornei-me apêndice”. Como uma frase tão despreziosa pode conter tanto da condição de um ex-garçom? Ou seria de um escritor? A “inutilidade” de um apêndice parelha com a vida de um aposentado *voyeur*, mas pode dizer

bastante do ofício silencioso do escritor, do seu capinar. E quanta ironia há nisso!

Em “Cervical”, ganha vez o filho de uma “família de letrados pobres” que trabalha como revisor de um jornal provinciano e é apelidado (mais uma vez, não nomeado) de “biscateiro”. Um dos seus irmãos, Eduardo, se destaca por suas pretensões literárias. Mas, sendo muito verborrágico, nunca consegue publicar seus livros. Entretanto, a verborragia dos textos de Eduardo é o fio do bordado dessa história, posto que contrasta com “os monossílabos e os dissílabos do papai e da mamãe”. Eis o paradoxo do conto: uma vida minguada se vertendo em palavras excessivas.

O último conto, “Ceição Ceicim”, homenagem a Guimarães, destoa dos demais, o que ratifica a capacidade de Silviano de alterar o passo da caminhada de acordo com o que melhor lhe aprouver na ocasião. A homenagem se constrói em ritmo rosiano: “O que o olho não vê, enxerga o ouvido”. Há no tom atravessado de paradoxos dessa narrativa veredas da travessia rosiana, da passagem do não-ser ao ser: “Ceição Ceicim só pode ser nome de passagem”. Se em *Grande sertão* lê-se “mire e veja”, em “Ceição Ceicim” a lição passa pelo ouvido: “Escute, Guinacim. Es-cu-te!”. Escute, leitor. “A alegria traz seus perigos à vista”.

Em suma, *Anônimos* é a prova de que se faz literatura com nada ou com tudo. O escritor pode lançar mão de qualquer material, desde que execute com labor. Assim como fez Guimarães, Silviano oferece ao leitor uma maneira peculiar de perceber a vida do homem comum sem heroizá-lo. Essa maneira de enxergar confere ao livro sua forma, sua dicção.

Ao logo de todo o volume, é possível perceber uma homenagem a Guimarães. Mas há também, numa camada mais oculta,

um diálogo lisonjeiro com o mestre do conto Raymond Carver. Tanto em Raymond quanto em Silviano, a simplicidade complexa é que desperta a perplexidade, o espanto e o encanto do leitor, que se vê diante de uma poesia que é a própria vida simples e anônima. É enxergando e criando esses personagens que Silviano nos proporciona o mesmo deslocamento de visão, de perspectiva, ensinando-nos, assim, a entrever e transver.

